

## Ler o livro e ver o filme: dados de observação sobre o contato com narrativas entre estudantes universitários<sup>1</sup>

André Carlos MORAES<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

### Resumo

Apresentação e análise inicial de dados de observação de uma pesquisa realizada junto a estudantes de primeiro ano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foram comparados longitudinalmente dados de um levantamento feito pelo autor em 2011 e outro realizado em 2014. Foram distribuídos formulários fechados autoperenchidos a turmas de calouros da universidade e alguns foram entrevistados por telefone para triangulação. A análise diz respeito a uma pergunta específica do questionário, que inquiria se os alunos já haviam lido um livro após se interessar vendo um filme baseado nele ou, pelo contrário, se haviam visto um filme após ter lido o livro no qual era baseado. No grupo pesquisado, houve expressiva prevalência do livro como referência inicial para o contato com as narrativas.

**Palavras-chave:** livros; narrativa; adaptação literária.

### Introdução

Este trabalho apresenta dados originais da segunda rodada de uma pesquisa junto a uma comunidade de leitores. A observação na qual a análise é baseada integra a preparação de tese do autor, em continuação à dissertação *Entre livros e e-books: a apropriação de textos eletrônicos por estudantes ingressados na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2011*<sup>3</sup>. É abordado, aqui, um tema periférico à problematização principal<sup>4</sup>. São discutidas neste artigo as preferências de um grupo de estudantes em relação a formas de contato com narrativas de ficção, especificamente enfocando o fluxo de interesse entre livros e audiovisuais, como filmes ou seriados de tevê.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Produção Editorial do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM-UFRGS). Membro (estudante) do grupo de pesquisa Laboratório de Edição, Cultura e Design (LEAD) registrado no CNPq. E-mail: andrecmoraes@uol.com.br

<sup>3</sup> Defendida no PPGCOM UFRGS em maio de 2012, com orientação de Ana Cláudia Gruszynski. Resultados foram apresentados por André Moraes e Ana Gruszynski no GP Produção Editorial do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, com o título *Textos eletrônicos e suportes de leitura: um estudo com alunos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*.

<sup>4</sup> Apresentada no trabalho *Um mesmo título, várias plataformas de leitura: problematizando dados empíricos sobre apropriação de textos impressos e eletrônicos* no GP Produção Editorial do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

A seção a seguir traz conceitos teóricos de referência buscando colocar em perspectiva a relevância da questão dos suportes de narrativa junto a estudos de Comunicação com base na história cultural. Na seção subsequente são apresentados os dados de pesquisa, em um comparativo longitudinal, com cotejo de duas rodadas do trabalho de campo e, também, observações de ordem metodológica e técnica. Nas últimas seções, discutem-se implicações da observação e são esboçadas investigações futuras.

### **A narrativa e os suportes**

Integrando um estudo de Comunicação, este artigo não adota uma conceituação de narrativa sob a mesma perspectiva que eventualmente pudesse ser adotada, por exemplo, por estudos da área de Letras. Interessa, aqui, compreender narrativa como um gênero textual passível de ensinar, principalmente, certos regimes de relacionamento com suportes – como o livro ou, alternativamente, produtos derivados dele, como as adaptações cinematográficas. Esta seção indica referências dentro deste entendimento circunscrito ao tema em discussão.

O britânico John B. Thompson, discutindo os tipos de conteúdo textual que podem ou não ser associados ao livro impresso e ao texto eletrônico, lista em *Books in the digital age* uma forma que ele nomeia de narrativa:

Esta é uma forma de conteúdo que é articulada como uma história estendida com um início, um enredo de algum tipo e um final ou algo assim. A forma narrativa não é um molde rígido e definitivo, mas é uma estrutura com a qual todos estamos intuitivamente familiarizados. É uma estrutura normalmente usada na ficção, mas não restrita ao reino ficcional: também é usada em não-ficção, por exemplo em biografias e autobiografias, ou no tipo de redação histórica que conta uma história sobre o passado, sobre eventos específicos ou personagens ou sobre um desenvolvimento histórico mais amplo.<sup>5</sup> (THOMPSON, 2008, p.325)

Na análise de Thompson, que buscava, sobretudo, identificar gêneros textuais em transposição para o meio eletrônico, a forma que o autor identifica como narrativa era uma das que ele considerava menos portáteis para plataformas não impressas, devido à maior dificuldade de leitura de textos longos em tela (THOMPSON, 2008, p.327). Vale lembrar que a observação dele foi feita em um contexto anterior ao lançamento ou popularização de alguns dispositivos móveis usados para leitura, como o Kindle da Amazon e o iPad da Apple. Ainda assim, é relevante que dentro da tipologia de Thompson o gênero narrativo tenha uma forte identificação com a forma do livro impresso.

---

<sup>5</sup> Original em inglês, versão do autor deste artigo.

De maneira semelhante, o crítico norte-americano Sven Birkerts discute rumos da cultura do livro, em *The Gutenberg Elegies* (2006), adotando como ponto central o gênero narrativo do romance: “Eu vou me confinar ao romance literário que, para mim, representa a leitura em sua forma mais pura. E o que me interessa aqui não são as encarnações superficiais do ato – lutas relutantes com romances que não temos vontade de ler – mas seus envoltórios mais idealizados.”<sup>6</sup> (BIRKERTS, 2006, p.79) Esta posição do autor ganha relevo em função de seu entendimento, aprofundado mais adiante, sobre o papel da narrativa dentro da própria cultura:

O conhecimento humanístico, como sugeri mais cedo, difere dos tipos mais instrumentais de conhecimento no que ele, em última análise, busca formatar uma narrativa compreensível. É, em outras palavras, a criação e expansão de contextos significativos. Tecnologias de mídia interativas são, ao menos em um sentido, anticontextuais. [...] O enfoque multimídia tende inevitavelmente à multidisciplinaridade. O efeito positivo, claro, é a criação de novos níveis de conexão e integração; mais e mais variáveis são trazidas para a equação. Mas o perigo deveria ser óbvio: O horizonte, o limite que deu definição para partes da narrativa, vai desaparecer. A equação em si vai perder o sentido através do acúmulo de variáveis.<sup>7</sup> (BIRKERTS, 2006, p.137-138)

Mesmo sem concordar, necessariamente, com a posição mais alarmada do autor, é importante compreender a natureza do argumento. Assim como Thompson, Birkerts identifica uma forte associação do gênero narrativo (em especial o romance literário) com a forma do livro impresso. Este conjunto, por sua vez, seria num nível mais profundo organizado de forma muito diferente daquela lógica multimídia. O autor defende, em última análise, que o processo lento e paciente da imersão em leitura narrativa tem um impacto psicológico e até metafísico sobre o leitor (BIRKERTS, 2006, p.80-81), o que ele sintetiza em um axioma: “O que a leitura faz, em última análise, é manter viva a excitante e perigosa ideia de que a vida não é uma sequência de momentos vividos, mas um destino”<sup>8</sup> (BIRKERTS, 2006, p.85).

Em um nível menos profundo do que a preocupação de Birkerts, há uma longa tradição teórica que assume abstratamente uma oposição entre o livro e as mídias eletrônicas, começando pela clássica afirmação de Marshall McLuhan de que “todos os efeitos da tecnologia tipográfica encontram-se agora em forte oposição à tecnologia eletrônica” (MCLUHAN, 1972, p.311). É uma posição similar àquela ecoada por Arlindo Machado: “As imagens animadas do cinema e da televisão, bem como a música difundida através de

---

<sup>6</sup> Original em inglês, versão do autor deste artigo.

<sup>7</sup> Original em inglês, versão do autor deste artigo.

<sup>8</sup> Original em inglês, versão do autor deste artigo.

rádio e discos atraem muito mais a atenção e o interesse de nossos jovens do que os assépticos tipos seriados da literatura impressa.” (MACHADO, 2002, p.114)

Mas nem todos os modelos analíticos que comparam narrativas impressas e audiovisuais fazem isso de forma necessariamente negativa. Em um estudo sobre a indústria editorial, John B. Thompson menciona que as adaptações cinematográficas impulsionam as vendas dos livros e são utilizadas pelas editoras como um gatilho para o interesse do leitor (THOMPSON, 2012, p.278), fenômeno às vezes chamado “movie tie-in” (THOMPSON, 2012, p.281). Analogamente, em *The Late Age of Print* Ted Striphas menciona que a série *Harry Potter* se tornou “icônica além do mundo literário” ao “inspirar filmes e franquias de produtos” (STRIPHAS, 2011, p.141).

Outros conceitos usados em análises de mídia envolvem a simbiose entre narrativas em livro e as audiovisuais. Propondo o conceito de “remediação”, Jay David Bolter e Richard Grusin falam das interpenetrações entre narrativas clássicas e os filmes ou animações (BOLTER; GRUSIN, 2000, p.147). Henry Jenkins fala das narrativas transmidiáticas, nas quais “para viver uma experiência plena num universo ficcional, os consumidores devem assumir o papel de caçadores e coletores, perseguindo pedaços da história pelos diferentes canais” (JENKINS, 2008, p.47), o que pode incluir a tevê, livros, cinema e Internet.

O trânsito entre as narrativas contidas nos livros e aquelas da tela de cinema ou tevê, portanto, é uma questão de pesquisa repetidamente abordada em trabalhos recentes de Comunicação. A complementaridade, convivência ou substituição de uma mídia narrativa pela outra motivam análises e, mesmo, preocupações de diversos matizes teóricos. Vem daí o interesse que motivou o aspecto do trabalho de campo abordado no presente artigo. Para cotejar os diferentes modelos conceituais com o mundo empírico dos leitores (ou espectadores, em se tratando dos filmes e da tevê), o levantamento procurou observar o fluxo de interesse pelas narrativas junto a uma comunidade segmentada. Este é o assunto da próxima seção.

## **Dois levantamentos**

A pesquisa descrita na Introdução envolveu duas rodadas de levantamento junto a estudantes universitários de primeiro ano da UFRGS. Com o objetivo de observar hábitos de leitura e relacionamento com suportes de conteúdo em geral, foram distribuídos questionários fechados autopreenchidos a turmas de calouros em 2011 e em 2014. Na primeira rodada houve 263 respondentes e na segunda, 270. Dizem respeito ao tema do presente ar-

tigo dois campos do formulário. Uma das questões era de múltipla escolha e trazia sete campos que podiam ser assinalados pelos estudantes. O enunciado dizia: “Assinale o que você fez alguma vez:” e, abaixo, eram listadas diversas ações: “Obteve através da Internet material de apoio para livros da lista de leituras obrigatórias do vestibular”; “leu trechos de livros no computador ou celular”; “leu livros ou trechos de livros em bibliotecas on-line ou digitais”; “discutiu em fóruns na Internet ou em redes sociais livros que leu”; “recomendou para colegas livros digitais que você achou interessantes”; “leu um livro porque ficou interessado depois de ter assistido a um filme baseado nele”; “viu um filme porque era baseado em um livro que você leu”.

São destacados e discutidos, aqui, os resultados dos dois últimos campos, porque dizem respeito, justamente, à questão do suporte preferido dos estudantes para tomar contato com narrativas em geral. A pesquisa buscava, em face de preocupações como aquelas apontadas na seção anterior, verificar se havia de fato uma prevalência das formas de contato audiovisuais entre os alunos. A partir das observações de Sven Birkerts (2006) e Arlindo Machado (2002), havia a expectativa de que houvesse maior marcação do campo “leu um livro porque ficou interessado depois de ter assistido a um filme baseado nele”, que indicaria que o contato dos estudantes com uma determinada narrativa partiu de um audiovisual.

Desde o primeiro levantamento, em 2011, os dados não confirmaram esta hipótese. A Tabela 1, abaixo, mostra as respostas para os dois campos e para a marcação simultânea de ambos. A tabela traz os totais gerais e fracionados pelas 9 turmas da pesquisa.

Curso	filme-livro (%)	livro-filme (%)	ambos (%)
Medicina	18 56,25%	29 90,63%	18 56,25%
Direito	23 62,16%	34 91,89%	23 62,16%
Psicologia	13 61,90%	19 90,48%	12 57,14%
Biologia	16 61,54%	22 84,62%	15 57,69%
Veterinária	25 67,57%	32 86,49%	23 62,16%
Computação	17 58,62%	25 86,21%	15 51,72%
Engenharia Civil	9 34,62%	20 76,92%	9 34,62%
Letras	14 53,85%	23 88,46%	13 50,00%
Publicidade	16 55,17%	24 82,76%	15 51,72%
<b>Total</b>	<b>151 57,41%</b>	<b>228 86,69%</b>	<b>143 54,37%</b>

Filme-livro corresponde à opção “Leu um livro porque ficou interessado depois de ter assistido a um filme baseado nele”

Livro-filme corresponde à opção “Viu um filme porque era baseado em um livro que você leu”

**Tabela 1.** Respostas sobre leitura de livro a partir de filme e audiência de filme a partir de livro, levantamento 2011

Como é possível observar na Tabela 1, houve expressiva preferência dos estudantes pelo campo “viu um filme porque era baseado em um livro que você leu”, com média de 86,69%, contra 57,41% da outra opção e 54,37% que assinalaram ambos os campos. É útil observar que esta tendência se mostrou coerente ao longo do fracionamento pelos diferentes cursos incluídos na pesquisa. A preferência por um dos campos foi constante, oscilando de 82,76% (Publicidade) até 91,89% (Direito).

Estes resultados de observação apontam que, efetivamente, mais da metade dos estudantes teve seu interesse por determinadas narrativas originado a partir de audiovisuais (o campo “Leu um livro porque ficou interessado depois de ter assistido a um filme baseado nele”). Porém, o dado que contraria a expectativa inicial diz respeito, justamente, ao fluxo preponderantemente contrário, de alunos que tomaram contato com uma narrativa em primeiro lugar através de um livro e, depois disso, viram um filme ou adaptação audiovisual (campo “Viu um filme porque era baseado em um livro que você leu”). A diferença foi de quase 30 pontos percentuais em média, o que pode ser considerado como uma margem significativa.

Durante a análise dos dados da primeira rodada da pesquisa, não pôde ser metodologicamente descartada a hipótese de que os resultados estivessem sendo causados por um efeito de indução do próprio formulário. A lista de múltipla escolha oferecida aos estudantes apresentava os tópicos em uma ordem. A opção mais assinalada era a última da relação. Seria possível especular que, ao escolher rapidamente uma delas durante os poucos minutos disponibilizados em aula para o preenchimento do questionário, alguns respondentes fossem tentados a marcar esta alternativa que estava, de alguma forma, em evidência.

Para descartar esta possibilidade e prosseguir investigando a questão, durante a segunda rodada do levantamento, realizada em 2014, foi adotado um procedimento técnico de contraprova. Foram criadas duas séries de formulários, com ordens diferentes, distribuídas aleatoriamente entre os participantes. Na primeira série (formulário A), a ordem dos tópicos seguiu idêntica àquela de 2011. Na outra (formulário B), os dois últimos campos foram invertidos. A opção que havia sido a mais marcada no levantamento anterior passou a ficar localizada em penúltimo lugar. A alternativa “Leu um livro porque ficou interessado depois de ter assistido a um filme baseado nele” passou a ser a última. Com isso, caso estivesse efetivamente tendo lugar um efeito de indução de formulário, a tendência seria que nesta série alternativa do questionário este campo seria preponderante.

Mas os dados, novamente, não mostraram isso. A Tabela 2 traz uma comparação entre os formulários A e B na parte já tabulada do levantamento de 2014. Observa-se que os respondentes seguiram optando preponderantemente pelo campo “Viu um filme porque era baseado em um livro que você leu”, independentemente do formulário.

Curso/Formulário	Total	filme-livro	(%)	livro-filme	(%)
Direito/A	16	7	43,75%	12	75,00%
Direito/B	17	10	58,82%	16	94,12%
Medicina/A	18	12	66,67%	18	100,00%
Medicina/B	15	9	60,00%	14	93,33%
Publicidade/A	13	9	69,23%	11	84,62%
Publicidade/B	19	12	63,16%	16	84,21%
Jornalismo/A	17	12	70,59%	14	82,35%
Jornalismo/B	17	13	76,47%	13	76,47%

**Filme-livro** corresponde à opção “Leu um livro porque ficou interessado depois de ter assistido a um filme baseado nele”

**Livro-filme** corresponde à opção “Viu um filme porque era baseado em um livro que você leu”

**Tabela 2.** Respostas sobre leitura de livro a partir de filme e audiência de filme a partir de livro, levantamento 2014 – fracionado por tipo de formulário

Conforme pode ser visto na Tabela 2, embora em uma das turmas do formulário B tenha havido empate entre respostas filme-livro e livro-filme (Jornalismo, com 76,47% dos respondentes), a segunda opção seguiu com ampla preferência na maioria dos grupos pesquisados. Na turma de Direito com o formulário B, inclusive, a diferença entre as duas alternativas foi maior do que no formulário A (35,29 pontos percentuais, contra 31,25 pontos percentuais). De um modo geral, observa-se na Tabela 2 uma frequência entre 76% e 100% para a marcação da categoria livro-filme, coerente ao longo dos dois formulários. Se houve efeito de indução devido ao formulário (a maior frequência da marcação livro-filme foi de fato no formulário A, com 100% em Medicina, e a menor no formulário B, em Jornalismo), mesmo assim ele não foi percentualmente tão significativo a ponto de alterar a proeminência da opção mais marcada. A Tabela 3 mostra a totalização de 2014 sem o fracionamento por formulário, para facilitar o cotejo com a Tabela 1, do estudo de 2011.

A partir do exercício de contraprova realizado em 2014, seria possível supor, para fins de análise, que os dados do levantamento anterior, de 2011 (Tabela 1), possam também não ter sido influenciados significativamente por efeito de indução de formulário. Neste caso, efetivamente haveria, entre as turmas observadas nos dois anos, uma considerável preferência dos estudantes pela opção “viu um filme porque era baseado em um livro que você leu”.

Curso	Total	filme-livro	(%)	livro-filme	(%)	ambos	(%)
Direito	33	17	51,52%	28	84,85%	17	51,52%
Medicina	33	21	63,64%	32	96,97%	21	63,64%
Publicidade	32	21	65,63%	27	84,38%	21	65,63%
Jornalismo	34	25	73,53%	27	79,41%	23	67,65%
<b>Total</b>	<b>132</b>	<b>84</b>	<b>63,64%</b>	<b>114</b>	<b>86,36%</b>	<b>82</b>	<b>62,12%</b>

**Filme-livro** corresponde à opção “Leu um livro porque ficou interessado depois de ter assistido a um filme baseado nele”

**Livro-filme** corresponde à opção “Viu um filme porque era baseado em um livro que você leu”

**Tabela 3.** Respostas sobre leitura de livro a partir de filme e audiência de filme a partir de livro, levantamento 2014

O cotejo da Tabela 1 com a Tabela 3 mostra que a opção livro-filme teve ampla preferência de marcação entre os respondentes, por índices semelhantes (86,69% em 2011, 86,36% em 2014). A ordem subsequente também se manteve a mesma, com o segundo lugar em frequência com a opção filme-livro (57,41% em 2011, 63,64% em 2014) e, em terceiro, a marcação de ambas as alternativas simultaneamente (em 2011, 54,37% dos respondentes assinalaram ambas, enquanto em 2014 foram 62,12%). As demais turmas da pesquisa de 2014 ainda não foram tabuladas, os dados ainda são parciais. Mesmo assim, os números demonstram uma coerência longitudinal, ou seja, ao longo do eixo de tempo, mesmo considerando-se os três anos entre o primeiro levantamento e o segundo.

A partir dos dados consolidados dos levantamentos de 2011 e 2014, uma parte da segunda rodada da pesquisa de campo está sendo composta de entrevistas telefônicas com alguns dos respondentes, para fins de triangulação, ou seja, a verificação de resultados da observação através de uma técnica diferente daquela inicial pela qual eles foram obtidos. Entre os assuntos abordados nestas conversas com os estudantes, um deles foi a questão do contato com as narrativas.

Um dos ouvidos nesta rodada era um estudante de Direito de 18 anos referido pelo código DIR215<sup>9</sup>, que foi um dos que marcaram a opção “viu um filme porque era baseado em um livro que você leu”. Perguntado sobre as razões de ter marcado esta alternativa, ele comentou que gostava de ler. Deu dois exemplos de títulos que havia lido e que, mais tarde, viu adaptados no cinema: *O Tempo e o Vento* e *O Grande Gatsby*. Mencionou, a propósito do autor Scott Fitzgerald, que gosta principalmente de literatura estrangeira. Também comentou que gosta de ir ao cinema, mas esporadicamente.

Outra entrevistada é MED226, estudante de Medicina de 19 anos, que marcou ambas as opções, filme-livro e livro-filme. Ela disse gostar de filmes de ação, históricos e tam-

<sup>9</sup> Para preservar o anonimato dos entrevistados, conforme Termo de Consentimento Livre e Esclarecido nos termos aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, cada aluno participante é referido por um código.



bém séries, e a respeito das adaptações comentou que “está na moda adaptar”. MED226 confirmou ter marcado as duas opções e deu exemplos, como de um seriado que começou a acompanhar na televisão porque havia lido o livro, bem como a série *Instrumentos Mortais*, que já havia lido antes da adaptação. Também deu exemplos da situação contrária, como nos filmes da série *Divergente* e *Harry Potter*, em que assistiu antes aos filmes e depois decidiu ler os livros. Um detalhe é que MED226 indicou ter feito mais de uma dúzia de leituras tanto no computador quanto em hardware portátil. Disse que lê no iPad, “ou pelo computador, o celular, o que tiver na mão”. Fluente em inglês, comentou que acha mais rápido obter alguns títulos pela Internet: “Eu consigo ler bem rápido. Sem falar que na Internet, assim, sai mais rápido que no Brasil. Então eu consigo ler livros que ainda não lançaram. Eu sou meio ansiosa para esperar...”

Outra aluna que marcou ambas as opções livro-filme e filme-livro é DIR219, estudante de Direito de 17 anos. Ela disse ser “totalmente viciada em séries”. Sobre as adaptações de livros, disse: “Às vezes sai trailer de um filme, aí é baseado num livro, aí eu gosto do trailer, aí eu leio o livro e depois eu vejo o filme.” Ela disse ter uma preferência por ler os livros antes de assistir aos filmes ou séries, exemplificando com o caso de *Game of Thrones*, que procurava ler antes de assistir. Da entrevista de DIR219:

Eu prefiro ler o livro antes, porque eu acho que ler o livro é em geral melhor do que ver o filme, e aí se tu vê o filme antes ele já te dá o final do livro. Só que agora *Game of Thrones* é uma que me disseram que agora a série vai passar na frente dos livros que já saíram, aí eu vou acabar assistindo a série mesmo.

Citar trechos das entrevistas com os respondentes é útil, além de triangulação e verificação dos dados de observação, para dar a perspectiva das individualidades e das histórias pessoais por trás daqueles dados que constam nas tabelas. Esta seção qualitativa da pesquisa, embora menos representativa que o levantamento quantitativo, contribui para o dimensionamento social e cultural dos entrevistados ao mostrar as vozes por trás dos números. É também a partir daí que é possível vislumbrar a complexidade da relação dos leitores com as narrativas. A seção a seguir procura fazer uma análise e discussão destes resultados, de forma holística.

### **Discutindo os resultados**

Pela natureza metodológica das observações realizadas durante a pesquisa, não é possível universalizar os dados. Não se trata de um levantamento quantitativo a rigor, que tenha validade estatística. Buscava-se, antes de mais nada, acompanhar um grupo, uma co-

munidade de leitores. Mesmo os números tabulados não podem ser entendidos como representativos da totalidade dos calouros, muito menos do conjunto dos estudantes dos respectivos cursos ou da universidade. Ainda assim, o cotejo entre dois momentos da pesquisa em 2011 e 2014, em um corte longitudinal, é um indicativo interessante. Os resultados espelham a si mesmos após três anos e, também, possuem outros níveis de coerência, como o fracionamento através dos tipos de formulário diferentes. Há, portanto, algum sentido em discutir os dados encontrados.

Outra precaução metodológica diz respeito à representatividade do tipo de amostra adotada na pesquisa. Optou-se por uma comunidade de leitores universitários, composta por alunos aprovados em uma grande universidade federal. Trata-se, portanto, de um segmento muito particular dentro do universo dos estudantes, por sua vez já uma comunidade específica dentro do universo maior dos jovens brasileiros da mesma faixa etária. É preciso, portanto, conceder que quaisquer observações que porventura tenham validade nesta comunidade de leitores poderão ser, em parte, a expressão de uma peculiaridade segmentada, um traço compartilhado por uma subcultura que não necessariamente será significativa em termos mais amplos dentro da sociedade.

Feitas essas ressalvas, há uma justificativa epistemológica para o tipo de levantamento realizado. Embora a observação possa dizer respeito a um público muito específico, parte do referencial teórico com o qual a pesquisa dialoga se alicerça em generalizações e conceitos de espectro amplo. É o caso de observações pinceladas em níveis mais gerais como a de Arlindo Machado referente à preferência dos jovens pelo cinema em detrimento dos livros (2002, p.114) ou mesmo o clássico axioma de Marshall McLuhan da oposição entre meios eletrônicos e impressos (1972, p.311). Confrontar estes postulados teóricos com a observação é útil, no mínimo, para ponderar que mesmo uma observação restrita pode trazer indicativos suficientes de complexidade para exigir que a consulta aos autores seja também, por sua vez, mais profunda.

A complexidade, justamente, é uma das características da observação que é forçoso incluir na análise inicial. Mais do que a substituição de uma forma de suporte por outra, o que se nota é, em primeiro lugar, uma forte presença da cultura do impresso junto à comunidade estudada, o que fica evidenciado pela preponderância das marcações, nas Tabelas 1 e 3, de estudantes que apontaram ter tomado contato com narrativas inicialmente a partir da leitura de um livro. Acessoriamente, são dignos de nota os exemplos de leitores entrevistados, como DIR215, MED226 e DIR219, todos se identificando como fãs de leitura. Entre

eles aparecem, também, questões de distribuição alternativa, como a obtenção de textos através da Internet.

A questão da narrativa propriamente dita, que justificava a preocupação de Sven Birkerts (2006), está presente em força nos dados observados. Seja na forma preponderante do fluxo de interesse narrativo partindo do livro, seja na minoritária do filme ou série que inspira a leitura, na grande maioria das turmas mostradas nas Tabelas 1 e 3 nota-se o interesse de mais da metade dos estudantes por narrativas que passam, de alguma forma, tanto pelos filmes quanto pelos livros. Trata-se de uma camada de complexidade que excede os juízos rápidos como os de concorrência de mídias e se aproxima dos conceitos teóricos mais elaborados como os das narrativas transmidiáticas de Henry Jenkins (2008, p.47), os movie tie-ins de John B. Thompson (2012, p.281) e as remediações de Jay David Bolter e Richard Grusin (2000, p.147). É o caso, por exemplo, da observação da aluna DIR219, que aponta a preferência por ler livros antes de ver os filmes ou séries nos quais são baseados, mas comenta que pode ter o próprio interesse no livro originado pelo trailer de uma adaptação, a partir do qual ela procurará tomar contato com o texto previamente. Similarmente, a estudante MED216 tinha o interesse aguçado pelos títulos anteriormente ao próprio lançamento dos livros no Brasil, o que a levava a obtê-los pela Internet. São casos em que já não se fala de preferências por um suporte ou outro, mas de imersão em um fluxo narrativo que passa por vários suportes e pode ter mais de uma origem.

Pode ser de interesse para interessados em pesquisas ligadas aos estudos culturais ou temáticas de faixa etária, finalmente, que a presença das grandes narrativas da literatura infantojuvenil importada se mostra significativa entre a comunidade estudada. Compreensivelmente, afinal trata-se de jovens estudantes universitários na faixa entre os 17 e os 19 anos, recém-saídos ou ainda no nicho mercadológico da literatura adolescente. Em se tratando de um estudo que buscou observar o trânsito entre adaptações cinematográficas e narrativas impressas, houve uma pequena presença de histórias nacionais (caso da menção de DIR215 a *O Tempo e o Vento*), mas repetidas alusões às grandes sagas que originaram franquias cinematográficas, como *Harry Potter* e *Divergente*. Neste ponto, a observação espelhou também apontamentos que já vinham da bibliografia, uma vez que Ted Striphas igualmente mencionava a relevância da série *Harry Potter* (STRIPHAS, 2011, p.141).

## **Considerações finais**

Este trabalho apresentou resultados de observação e uma análise inicial que pertencem a um projeto de pesquisa em Comunicação realizado no âmbito de doutorado, porém não restritos nem esgotados na abordagem da tese em preparação. No caso do suporte narrativo e do envolvimento dos jovens com as narrativas, trata-se de uma área ampla e na qual as contribuições vêm se somando há décadas. O objetivo, nesta perspectiva, foi de agregar dados que possam auxiliar na consolidação de estudos mais amplos e no diálogo com hipóteses de longo prazo.

Parte do aprendizado que se sintetiza no presente artigo diz respeito a técnicas de observação, triangulação e consolidação de resultados. Estudos em Comunicação, muitas vezes, podem se ressentir da escassez de dados observacionais empíricos, carência ainda mais notada na área dos estudos com leitores. O campo comunicacional tende a concentrar mais trabalhos de campo nas linhas identificadas com os estudos de recepção, às vezes com menos aporte empírico em áreas como a de produção editorial ou suportes de conteúdo. Em parte, o projeto do qual este artigo descende busca contribuir para abastecer esta vertente com dados de campo. Ao mesmo tempo, levantamentos necessariamente limitados, como os que às vezes é possível realizar nos âmbitos de mestrado e doutorado, enfrentam questões técnicas e metodológicas que precisam ser abordadas através de ferramentas de compensação, verificação ou triangulação dos resultados. Este relato dava conta de uma destas tentativas, através da discussão da técnica de distribuição de dois modelos de questionários a fim de descartar indução através da ferramenta de coleta de dados.

Defende-se que a discussão de técnicas e metodologias de observação empírica e triangulação é importante em um contexto específico do campo de comunicação. Manuais de estatística e pesquisa quantitativa, por exemplo, podem ser direcionados a áreas exatas ou da saúde, cada uma com exigências e características muito diferentes. Adaptar estes conhecimentos e técnicas para os estudos comunicacionais, com o necessário rigor metodológico porém com a flexibilidade inerente à área, é um objetivo para o qual este artigo busca contribuir – sem, necessariamente, tê-lo atingido.

A parte em que o assunto deste artigo se alinha com a temática mais ampla da pesquisa e da tese em preparação diz respeito ao trânsito dos estudantes entre os suportes de conteúdo. Neste trabalho foi abordada especificamente a questão das narrativas e do interesse dos entrevistados que passa tanto pelas adaptações audiovisuais quanto pelos livros impressos. De uma certa maneira, os leitores estão mergulhados nesta dimensão de meios

sobrepostos, e seus hábitos de consumo e lazer refletem a riqueza deste ambiente, como apontam alguns resultados da análise. Esta complexidade de relacionamento com os suportes extrapola a simplicidade de uma preferência única e delinea um espaço de hibridações e múltiplos fluxos de informação que constitui, exatamente, a questão de pesquisa.

Justifica-se, finalmente, a proposição deste trabalho dentro dos estudos de Produção Editorial com base no referencial ligado à história cultural. Os modos de leitura são um dos tradicionais parâmetros das pesquisas sobre o livro, e a dimensão da apropriação dos textos (neste caso, narrativas) pode ter tanta relevância quanto as considerações sobre regimes de distribuição, tecnologias de impressão ou o mercado editorial. Neste caso, alguns exemplos que foram encontrados são emblemáticos. As jovens MED226, que descarrega livros em inglês pela Internet para diminuir a ansiedade de aguardar a chegada dos volumes ao Brasil, e DIR219, que se interessa por livros a partir dos trailers de filmes e procura lê-los antes da estreia nos cinemas, são, ambas, grandes leitoras. Pertencem, porém, a uma época que já é muito diferente daquela da leitura monástica. São leitoras que habitam um ecossistema de suportes no qual o livro impresso ainda tem papel fundamental, mas que engendra relações e hábitos culturais ainda não totalmente mapeados e compreendidos. Propõe-se que possa não ser mais possível avaliar a presença do livro junto a esta nova classe de leitores sem compreender a complexidade deste meio circundante. Este artigo buscou demonstrar a utilidade desta investigação, tanto quanto apresentar os primeiros resultados iniciais nesta direção.

## REFERÊNCIAS

- BIRKERTS, Sven. **The Gutenberg Elegies: The fate of reading in an electronic age**. New York: Faber and Faber, 2006.
- BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. **Remediation: understanding new media**. Cambridge: The MIT Press, 2000.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.
- MACHADO, Arlindo. As mídias são os livros de nosso tempo? In: PERUZZO, Cicilia. **A mídia impressa, o livro e as novas tecnologias**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares, 2002. pp. 109-121
- MCLUHAN, Marshall. **A Galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico**. São Paulo: Editora Nacional/Editora da USP, 1972.
- STRIPHAS, Ted. **The late age of print: everyday book culture from consumerism to control**. New York: Columbia University Press, 2011.
- THOMPSON, John B. **Books in the digital age**. Cambridge: Polity, 2008.
- THOMPSON, John B. **Merchants of culture: the publishing business in the twenty-first century**. New York: Plume, 2012.